

Yuval Noah Harari

INDOMÁVEIS

COMO INIMIGOS
SE TORNAM AMIGOS



DO AUTOR
BESTSELLER DE

Sapiens

BOOK
SMILE

Ilustrações de
RICARD ZAPLANA RUIZ



Há 2300 anos

Éfeso constrói o Templo de Artemisa, Cartago institui um enorme mercado e Roma forma um poderoso exército.



Há 2500 anos

Ascensão das cidades de Éfeso, Cartago e Roma.



Há 2170 anos

os romanos destroem Cartago e, mais tarde, reconstróem-na.

Há 4000 anos

os habitantes de Uruk escreveram a história de como Gilgamesh combateu a morte.



Há 1830 anos

o cartaginês Septímio Severo torna-se Imperador de Roma.

Há 5200 anos

A escrita foi inventada na cidade de Uruk.



CRONOLOGIA DA HISTÓRIA



Há 1570 anos
os Vândalos vandalizam Roma.

Há 1630 anos
os cristãos de Cartago decidem quais
as histórias que devem ser incluídas
na Bíblia e os cristãos de Éfeso
destroem o Templo de Artemisa.



Há 1325 anos
os muçulmanos destroem Cartago.

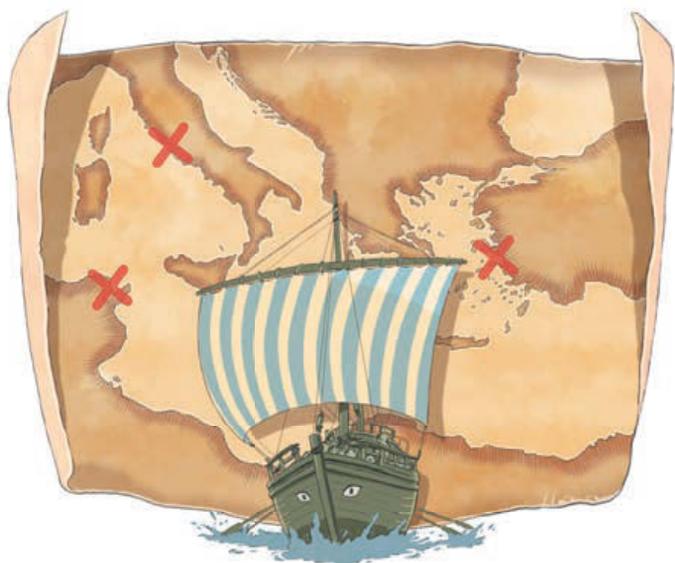
Há 1650 anos
os romanos
convertem-se
ao cristianismo.



Há 1810 anos
os povos de Cartago
e de Éfeso passam
a ser romanos.



Há 770 anos
o Khan mongol
quer saber qual
é a história em
que todos devem
acreditar.



*Para todos os seres — os que já desapareceram,
os que estão vivos e os que ainda virão.
Os nossos antepassados fizeram
do mundo aquilo que ele é.
Nós podemos decidir o que o mundo se tornará.*

— Yuval Noah Harari

ÍNDICE



Dedicatória	09
ÉS IGUAL A TODAS AS OUTRAS PESSOAS?.....	12
CAPÍTULO 1: POVO-DRAÇÃO, POVO-FORMIGA E POVO-LOBO ...	17
CAPÍTULO 2: O SEGREDO DO MERCADO	41
CAPÍTULO 3: OS FILHOS DOS MAUS DA FITA.....	71
CAPÍTULO 4: O SENTIDO DA VIDA	119
Agradecimentos	170
Nota do autor	171
Mapa da história do mundo	172

ÉS IGUAL A TODAS AS OUTRAS PESSOAS?

As vezes, sentes-te diferente das outras pessoas? Por vezes, sentes que queres comportar-te e pensar de maneira diferente da de toda a gente que te rodeia, vestir roupas que ninguém veste, ouvir música de que mais ninguém parece gostar ou pensar que algo é bom, quando todas as outras pessoas insistem que não é? **Por vezes, sentes que as pessoas à tua volta querem pôr-te numa caixa e forçar-te a ser alguém que não queres ser?**

Algumas pessoas dizem que ser diferente é mau, porque se pensas e te comportas de forma diferente de todos os que te rodeiam, não podes colaborar com eles ou ser amigos deles, e é provável que lutem contra ti e te magoem. Consequentemente, as pessoas que não gostam de ser diferentes dizem que é melhor dividirmos o mundo em caixas bem arrumadas e certificarmo-nos de que cada caixa contém apenas pessoas que pensam e agem da mesma maneira. Têm uma palavra para as caixas mais importantes: chamam-lhes «países», como a Grécia, a Nigéria, a Índia e o Canadá. E chamam «estrangeiros» às pessoas que não são da sua caixa particular.

Estas pessoas que gostam de pôr toda a gente em caixas afirmam que tu pertences apenas a um desses países e que não deves ser diferente das outras pessoas que nele vivem. Tens de falar a mesma língua que toda a gente, usar as mesmas roupas, ouvir a mesma música, comer a mesma comida, jogar os mesmos jogos e acreditar nos mesmos deuses. Se fores diferente das outras pessoas do teu país, não irás dar-te bem com elas e apenas irás causar conflitos. E, se fores

para outro país, serás um estrangeiro e as pessoas que vivem nesse país não irão gostar de ti, porque não pertences aí.

As pessoas das caixas dizem que é simplesmente assim que o mundo é. Sempre houve gregos a viver na Grécia, a falar a língua grega, a comer comida grega, a jogar jogos gregos e a acreditar em deuses gregos. Enquanto isso, os canadianos sempre falaram a língua canadiana, comeram comida canadiana, jogaram jogos canadianos e acreditaram em deuses canadianos.

Acontece que nada disto é verdade. Os canadianos nem sequer falam canadiano — essa língua não existe. A maior parte dos canadianos fala inglês, como as pessoas de Inglaterra, ou francês, como as pessoas de França. Alguns canadianos falam Inuktitut e Ojibwe, e alguns canadianos até falam grego — porque eles ou os pais deles foram da Grécia para o Canadá. Por outro lado, muitas pessoas da Grécia sabem falar inglês e francês, tal como as pessoas de Inglaterra, da França e do Canadá.

A situação relativa aos deuses é tão complicada quanto a das línguas. Pensa nos deuses gregos, por exemplo. Há muitos anos, havia inúmeros deuses gregos — podes ter ouvido falar de alguns deles, como Zeus, Artemisa e Atena. Contudo, hoje em dia, quase nenhum grego acredita neles. Em vez disso, a maioria dos gregos acredita em Jesus, alguns acreditam em Alá, outros acreditam em Xiva e muitos não acreditam em nenhum deus — tal como as pessoas do Canadá, da Nigéria e da Índia. Consequentemente, não é verdade que o mundo esteja dividido em caixas arrumadas. Por vezes, *as pessoas do mesmo país falam línguas diferentes e acreditam em deuses distintos.* Isto apesar de, às vezes, as pessoas de diferentes países falarem a mesma língua e acreditarem nos mesmos deuses.

As pessoas das caixas podem ficar bastante zangadas se lhes argumentarmos isto. Dizem que não é assim que as coisas devem ser. Acham que é uma pena que alguns gregos comam comida italiana, falem a língua inglesa e acreditem num deus asiático. E querem que as pessoas voltem atrás no tempo e se comportem como gregos exemplares.

Mas isso não é possível. Porque, se voltares atrás no tempo, irás dar-te conta de que todas estas coisas estão constantemente a mudar. **Nenhum dos países, das línguas ou das religiões de hoje existiam há 5000 anos.** Nessa altura, a Grécia, o Canadá, a Nigéria e a Índia não existiam. Ninguém falava inglês, francês ou grego. E ninguém acreditava em Jesus, em Zeus ou em Xiva. Claro que existiam países, línguas e religiões há 5000 anos, mas eram totalmente diferentes daqueles que conhecemos hoje. Foi apenas porque as pessoas se mudaram de um sítio para outro e começaram a pensar e a comportar-se de novas maneiras que, a dada altura, os nossos próprios países, línguas e religiões se constituíram.

Os primeiros gregos que acreditaram em Jesus, por exemplo, eram muito diferentes de toda a gente que os rodeava. Acreditavam numa nova religião que vinha de outro país e da qual nenhum dos seus pais ou avós alguma vez ouvira falar. Para que algo mude, alguém tem de ser o primeiro a aceitar a novidade — alguém tem de ser diferente.

Portanto, se te sentires diferente das pessoas que te rodeiam, isso é perfeitamente normal. A maior parte das pessoas que viviam no teu país em tempos antigos eram diferentes das pessoas que aí vivem agora. E por mais que as pessoas se esforcem por continuar a comer a mesma comida, a falar a mesma língua e a acreditar nos mesmos deuses de antes, com o tempo todas estas coisas mudam — os deuses, as línguas, os alimentos e as pessoas, tudo se torna diferente.

Contudo, porque é que as coisas mudam, por mais que as pessoas tentem manter-se iguais? Porque é que todos os povos, países, línguas e religiões se tornam diferentes do que eram antes? Porque é que os gregos, por exemplo, deixaram de acreditar em Zeus e Artemisa e começaram a acreditar em Jesus? De onde vêm os novos deuses e o que é que acontece quando deuses estrangeiros se conhecem?

E, mais importante ainda, o que é que acontece, exatamente, quando as pessoas estrangeiras se conhecem? O que é que acontece, por exemplo, quando conheces alguém de um país distante que fala uma língua estrangeira e que come comida esquisita? O que é que acontece quando atravessas os mares e chegas a um lugar estranho e desconhecido? Irás lutar ou irás dar-te bem com as pessoas? Como é que as pessoas que são muito diferentes umas das outras podem cooperar e até tornar-se boas amigas?

A resposta a essa pergunta é uma das histórias mais surpreendentes que alguma vez irás ouvir.

E é uma história verdadeira.

1

POVO-DRAGÃO,
POVO-FORMIGA
E POVO-LOBO





ATRAVESSAR AS ÁGUAS DA MORTE

Há cinco mil anos, o Canadá, a Grécia, Madrid ou Lisboa não existiam. Mas já existiam alguns reinos e cidades — é provável que, nessa altura, a maior cidade do mundo fosse Uruk. Os habitantes desta cidade falavam a língua suméria e acreditavam em muitos deuses que já estão totalmente esquecidos, como Inanna, An e Enki.

Os habitantes de Uruk contavam muitas histórias interessantes sobre os seus deuses e também sobre o seu povo e a sua cidade. *Contar histórias era muito importante, porque, se toda a gente conhecesse e acreditasse nas mesmas histórias, isso unia as pessoas e ajudava-as a cooperar.* O facto de contarmos histórias faz com que nós, humanos, sejamos muito mais poderosos do que qualquer outro animal.

Para compreenderes como é que as histórias e a cooperação nos tornam poderosos, podemos comparar-nos com outros animais — com os chimpanzés, por exemplo. Dez chimpanzés podem tornar-se bons amigos e ajudar-se mutuamente a encontrar bananas, a caçar um leitão ou a afugentar um leopardo. Contudo, mil chimpanzés não conseguem cooperar em relação a nada, porque não se conhecem uns aos outros suficientemente bem. Imagina que amontoas mil chimpanzés num sítio e que lhes dás um enorme monte de bananas para partilharem. O que é que achas que aconteceria? Muito em breve, começariam a berrar altíssimo, a correr num frenesim ou a agredirem-se uns aos outros. Se soubesses falar a língua dos chimpanzés, poderias perguntar a um deles: «Porque é que estão a lutar? Há bananas para todos.»

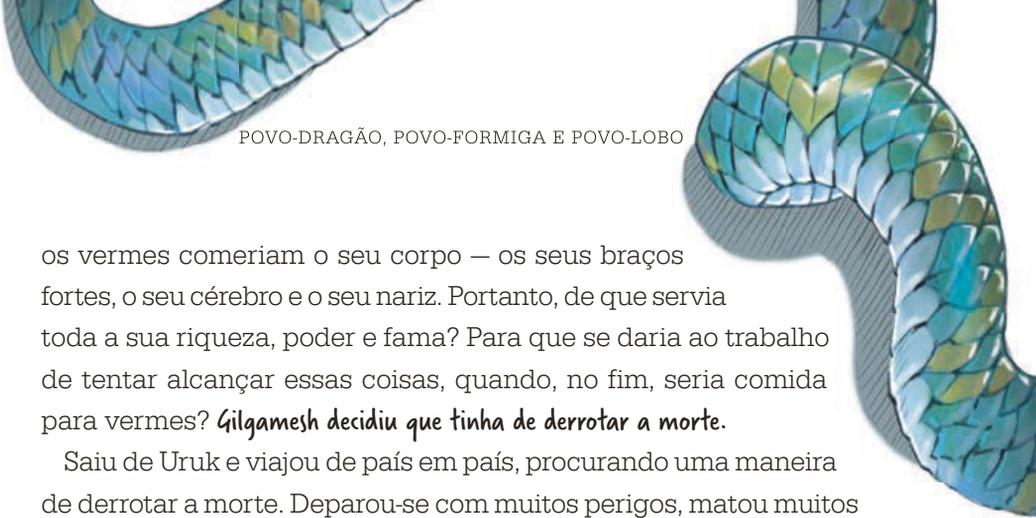


«Sim», poderia responder-te o chimpanzé, «mas nunca na vida vi a maioria destes chimpanzés! Como poderia confiar neles? Talvez queiram matar-me e ficar com todas as bananas para eles.»

Os humanos são diferentes. Descobrimos, há muito tempo, como cooperar em grandes números e como usar as histórias para criar cidades e reinos. Desde que toda a gente acredite na mesma história — sobre os grandes deuses Inanna e Anu, por exemplo —, até um milhão de humanos pode cooperar e concordar em relação às regras que todos devem cumprir. Por exemplo, as pessoas de Uruk contavam a história da deusa Inanna, que criara a regra de que não devemos matar pessoas nem roubar-lhes a comida. Todos os habitantes de Uruk acreditavam nesta história, portanto tentavam cumprir essas regras e podiam confiar que as outras pessoas de Uruk não os matariam nem roubariam a sua comida.

Contudo, a história mais importante que uniu os habitantes de Uruk não era sobre a deusa Inanna, nem sobre o deus An ou sobre qualquer outro deus. Era sobre um herói humano chamado Gilgamesh. Conhecemos a história de Gilgamesh, porque os arqueólogos que fizeram escavações nas proximidades de Uruk encontraram placas antigas, de há milhares de anos, com a história de Gilgamesh escrita nelas.

Em tempos, reza a história, vivera um homem chamado Gilgamesh. Era o homem mais corajoso do mundo. Tornara-se rei de Uruk, lutara contra muitos ogres e até matara um monstro gigantesco chamado Humbaba. Certo dia, o melhor amigo de Gilgamesh, Enkidu, morreu. Gilgamesh sentou-se ao lado do corpo sem vida e ficou a velá-lo durante sete dias e sete noites, até que viu um verme sair da narina do amigo. Esse pequeno verme aterrorizou Gilgamesh muito mais do que o monstro Humbaba. Gilgamesh apercebeu-se de que o que acontecera a Enkidu também lhe iria acontecer um dia. Morreria e



os vermes comeriam o seu corpo — os seus braços fortes, o seu cérebro e o seu nariz. Portanto, de que servia toda a sua riqueza, poder e fama? Para que se daria ao trabalho de tentar alcançar essas coisas, quando, no fim, seria comida para vermes? ***Gilgamesh decidiu que tinha de derrotar a morte.***

Saiu de Uruk e viajou de país em país, procurando uma maneira de derrotar a morte. Deparou-se com muitos perigos, matou muitos monstros, combateu o terrível povo-escorpião e, por fim, ouviu falar de alguém que talvez conhecesse o segredo da vida eterna. Havia um homem chamado Utnapishtim, de quem Inanna, An e todos os outros deuses gostavam tanto que lhe haviam dado o dom da imortalidade. Contudo, Utnapishtim vivia do outro lado de um grande oceano que ninguém conseguia atravessar, porque as suas águas eram mortíferas. ***Qualquer pessoa que tocasse sequer numa gota das Águas da Morte, morreria imediatamente.*** Como podia Gilgamesh atravessar esse oceano a nado?

Por sorte, Gilgamesh fizera um novo amigo — Urshanabi —, que tinha um barco. Ainda assim, mesmo com o barco de Urshanabi, como poderia Gilgamesh atravessar as Águas da Morte sem tocar na água ou sem ser salpicado por ela enquanto remava? Então, Gilgamesh pegou numa camisa e transformou-a numa vela. Ficou de pé dentro do barco e usou o seu próprio corpo robusto e as mãos poderosas como mastro para a vela. Gilgamesh tinha acabado de inventar a primeira vela e usara-a para atravessar as Águas da Morte sem remar ou tocar na água uma vez que fosse.

Quando Gilgamesh finalmente conheceu Utnapishtim e lhe perguntou qual era o segredo da vida eterna, Utnapishtim falou-lhe de uma planta milagrosa que crescia no fundo de outro mar, o Mar da Vida. «Se comeres essa plantinha», disse-lhe Utnapisthim, «tornar-te-ás imortal! Mas tem cuidado — só existe uma planta dessas

no mundo inteiro e, se a perderes, nunca conseguirás escapar à morte.» Gilgamesh prendeu pesadas pedras aos pés e mergulhou para o fundo do Mar da Vida, onde encontrou a planta. Apanhou-a e trouxe-a para a margem. Contundo, antes de a comer, distraiu-se momentaneamente e uma cobra roubou-lhe a planta e comeu-a. A cobra mudou de pele, tornou-se novamente jovem e viveu para sempre, enquanto Gilgamesh teve de regressar a Uruk de mãos a abanar. Só nessa altura aceitou que não havia maneira de escapar à morte. **Nenhum humano consegue derrotar a morte, ninguém pode parar o tempo nem impedir a mudança.**

Tal como Gilgamesh, a cidade de Uruk também acabou por morrer. Todos os edifícios ruíram e as ruas ficaram abandonadas. Atualmente, ninguém vive na antiga cidade de Uruk, exceto algumas aranhas, escorpiões e lagartos... e alguns arqueólogos que fazem escavações nas ruínas, na esperança de encontrar tesouros interessantes de tempos antigos, como as placas com a história de Gilgamesh.

Portanto, Uruk já não existe, mas deixou-nos algumas dádivas importantes: não só a história de Gilgamesh, mas também a própria escrita. Foi em Uruk que se inventou a escrita. É graças aos habitantes de Uruk que agora podes ler este livro, e também jornais, mensagens de *e-mail* e páginas na Internet.



ALÉM-FRONTEIRAS

Embora Uruk tenha morrido, nasceram outras cidades e reinos. Cada um com a sua própria língua, os seus deuses e as suas histórias sobre heróis, deuses e as origens do mundo. Estas histórias eram essenciais, porque ajudavam a unir todas as pessoas do reino, do mesmo modo que as histórias sobre a deusa Inanna e o Rei Gilgamesh ajudaram a unir os habitantes de Uruk. Contudo, independentemente de quão grande era um reino, tinha sempre fronteiras e, para lá dessas fronteiras, viviam estrangeiros que acreditavam noutras histórias. **Consequentemente, o que é que acontecia quando estrangeiros que viviam em diferentes países e acreditavam em diferentes histórias se conheciam?** Limitavam-se a lutar ou encontravam uma forma de se darem bem? E, se assim fosse, como o faziam?

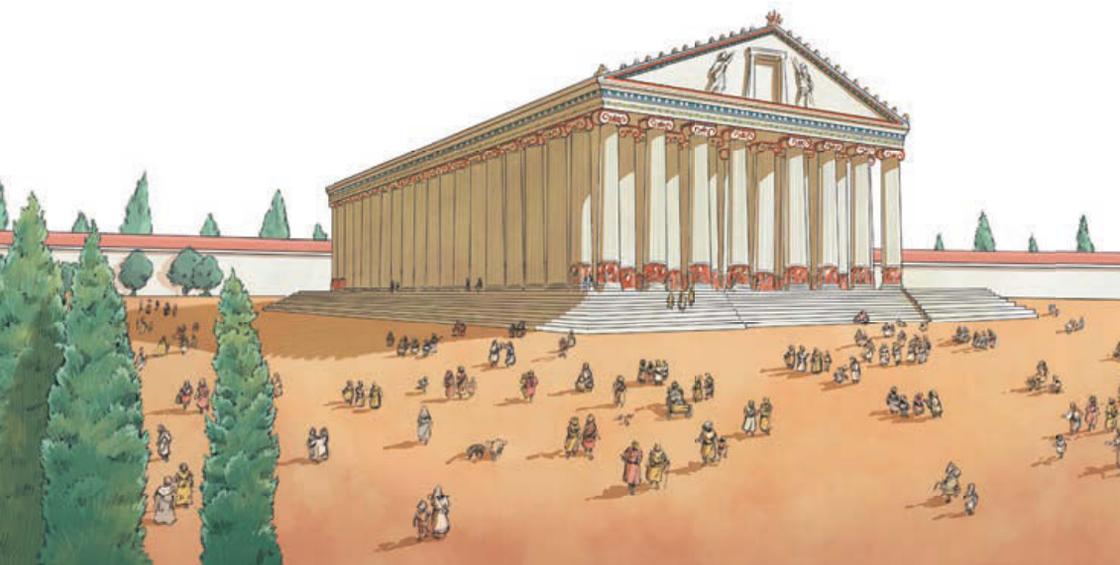
As pessoas têm medo de tudo o que é diferente. Têm receio de estrangeiros, de lugares desconhecidos, de comidas estranhas e de ideias que não lhes são familiares. Podem até pensar: *Se sairmos das fronteiras do nosso país, um estrangeiro pode matar-nos.* Contudo, as pessoas também se sentem atraídas por lugares distantes. Afinal de contas, aquilo que já conhecemos pode tornar-se aborrecido, mas o desconhecido é excitante! Há tantas coisas fantásticas que podem estar para lá do horizonte. Talvez descubras tesouros e maravilhas, proves comidas deliciosas e faças novos amigos. Ou talvez até conheças alguém que saiba o segredo da vida! Isso é porque, apesar dos nossos medos, sempre houve pessoas que sentiram o impulso de sair de casa, de atravessar fronteiras e de viajar para longe.

Para compreenderes o que acontecia quando as pessoas viajavam para longe de casa e conheciam estrangeiros, **vamos fazer uma viagem na nossa imaginação.** Imagina um rapaz chamado Heráclito, que viveu

numa cidade chamada Éfeso há mais de 2200 anos e que estava prestes a sair da sua cidade pela primeira vez, para velejar com o pai pelo mar até à distante cidade de Cartago.

Na antiguidade, havia muitas pessoas que faziam estas viagens e sabemos, com base em documentos antigos e em descobertas arqueológicas, como eram as cidades de Éfeso e de Cartago, que tipo de navios os seus povos navegavam e que histórias os seus habitantes contavam. Como é evidente, Heráclito não é uma pessoa real e aquilo que vamos dizer sobre ele não aconteceu realmente. No entanto, as cidades de Éfeso e de Cartago existiram mesmo. Atualmente, são ambas um monte de escombros cheio de aranhas, lagartos e arqueólogos – tal como Uruk. ***Contudo, há 2200 anos, Cartago era talvez a maior cidade do mundo***, famosa pelo seu mercado. Os comerciantes de muitas outras cidades e países viajavam até Cartago para fazer negócios e sabemos que alguns desses mercadores fizeram a viagem a partir de Éfeso.

Éfeso também era uma cidade muito importante, famosa pelo seu belíssimo templo da deusa Artemisa. Nessa época, Éfeso era povoada por gregos que falavam grego. Portanto, para onde terias de viajar



hoje em dia para visitar as ruínas do lindíssimo Templo de Artemisa? Para a Grécia? Não, na verdade, terias de ir à Turquia, porque há 2200 anos havia muitas cidades gregas no que é agora a costa da Turquia. É confuso, não achas? Mas é assim que a História funciona: os povos, os países, as línguas e as religiões estão constantemente a mudar.

GIGANTES DE UM SÓ OLHO

Imagina que, pouco antes de partir de Éfeso para velejar até Cartago, o Heráclito foi ao Templo de Artemisa, para pedir à deusa que o protegesse nas suas viagens. **Artemisa era a deusa da natureza, dos animais selvagens, das plantas e das crianças.**

As pessoas diziam que Artemisa conseguia voar, ver e ouvir o que estava a acontecer a centenas de quilómetros de distância e até criar animais e plantas. Também diziam que a deusa conseguia controlar doenças terríveis e que, quando estava zangada, era aterradora: tinha um arco mágico e, se as pessoas a enfurecessem, podia atirar-lhes



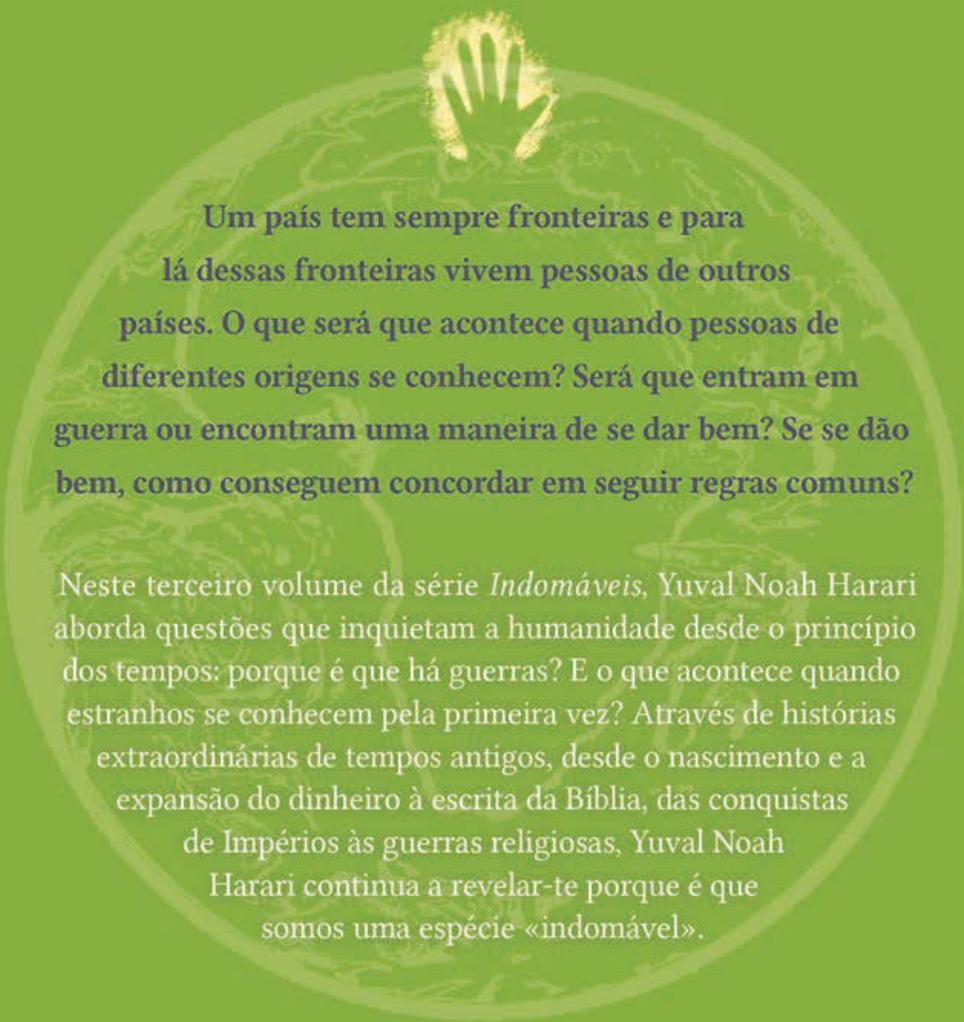
flechas vindas do céu com doenças e, uma por uma, as pessoas adoeciam e morriam. Portanto, Heráclito rezou a Artemisa para que o protegesse de doenças, animais selvagens, tempestades e de outros males.

O Templo de Artemisa era a maior estrutura que Heráclito alguma vez vira. Na verdade, era a maior estrutura que quase toda a gente vira nesses tempos. As pessoas vinham de muito longe a Éfeso só para ver o Templo de Artemisa, que era considerado uma das Sete Maravilhas do Mundo (as outras seis eram estátuas e edifícios particularmente grandes e belos).

O templo tinha cerca de 115 metros de comprimento, 55 metros de largura e até 30 metros de altura. Era tão grande quanto um campo de futebol dos nossos dias! Era feito de mármore branco reluzente e tinha 120 colunas de mármore. No interior, havia uma **estátua enorme e belíssima da deusa Artemisa, coberta de ouro e prata**. As paredes estavam decoradas com muitas outras estátuas, pinturas e joias.

Depois de rezar a Artemisa no templo, Heráclito foi despedir-se do seu outro lugar preferido em Éfeso — o teatro. Tratava-se de outro grande edifício com muitas colunas de mármore, onde os atores encenavam peças sobre deuses e heróis que partiam em diversas aventuras. Heráclito adorava ver estas peças e imaginava que, um dia, também ele seria um herói e partiria numa aventura. Talvez até alguém escrevesse uma peça sobre ele!

A caminho do teatro, Heráclito encontrou um grupo de amigos. Estavam à procura dele, porque queriam despedir-se. A viagem de ida e volta para Cartago iria demorar meses e, nessa época, não existiam telefones nem computadores, portanto, quando alguém partia numa viagem assim, os amigos não conseguiam falar com ele durante muito tempo. **Talvez nunca mais voltassem a falar.**



Um país tem sempre fronteiras e para lá dessas fronteiras vivem pessoas de outros países. O que será que acontece quando pessoas de diferentes origens se conhecem? Será que entram em guerra ou encontram uma maneira de se dar bem? Se se dão bem, como conseguem concordar em seguir regras comuns?

Neste terceiro volume da série *Indomáveis*, Yuval Noah Harari aborda questões que inquietam a humanidade desde o princípio dos tempos: porque é que há guerras? E o que acontece quando estranhos se conhecem pela primeira vez? Através de histórias extraordinárias de tempos antigos, desde o nascimento e a expansão do dinheiro à escrita da Bíblia, das conquistas de Impérios às guerras religiosas, Yuval Noah Harari continua a revelar-te porque é que somos uma espécie «indomável».

Como é que pessoas diferentes umas das outras são capazes de cooperar e até tornar-se boas amigas? Esta é uma das histórias mais curiosas que alguma vez irás conhecer. E é verdadeira.



SAPIENSHIP
STORYTELLING



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  penguinkidspt

ISBN 9789897874291



9 789897 874291 >